

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

A Guerra Paz e progresso económico

E' de todos os tempos. E sê-lo-á enquanto houver mundo.

E' um flagêlo como muitos outros que faz parte da própria vida.

Mas há ingénios que acreditam que as guerras acabarão com o avançar da Civilização.

São cegos de espírito ou ignorantes da História.

Que tem feito a Civilização para terminar com as guerras?

Tem aperfeiçoado a Ciência e a arte de fazer a guerra.

Tem descoberto os meios de matar mais e mais rapidamente.

Após a guerra de 1914-18, apareceram grandes pacifistas.

Disse-se que não haveria mais guerras.

Wilson concebe uma sociedade das nações onde todos os litígios internacionais seriam resolvidos por arbitragem.

Essa sociedade formou-se, e algumas nações, logo que pretenderam fazer a guerra, largaram a sociedade e lançaram-se nela. Outras fizeram mais; invadiram e tomaram pela guerra o país dos sócios, continuando a ser membros da sociedade.

Foi a falência da sociedade das nações!

Ainda existe hoje, não se sabe para quê, mas ninguém acredita que seja para evitar guerras. Melhor seria acabar de todo para evitar maior ridículo.

Kellog consegue que 42 nações se comprometam a renunciar solenemente à guerra como instrumento de política nacional. E com Briand e outros bem intencionados paladinos da paz—de facto—assina-se o tratado de Paris de 27 de Agosto de 1928, abolindo a guerra. Mas depois da assinatura desse tratado, rebenta a guerra italo-abexim (sem declaração, que é também um modernismo), uma guerra bolívia-paraguai, uma guerra internacional na Espanha, por duas vezes guerra entre o Japão e a China que continua—, e uma investida russa contra o Japão.

Durante a vigência da sociedade das nações o estado de guerra tem sido permanente, e os preparativos para a guerra nunca foram tão grandes.

Arbitragem obrigatória, segurança colectiva; desarmamento tudo vãs fantasias.

Parece que os que mais falam na paz têm em vista iludir os outros para melhor se armarem e dominarem os que se deixarem iludir com os pregões de paz daqueles que têm por principal preocupação aumentar o mais possível os seus armamentos.

Evidentemente que muitas nações que desejam a paz se vêm obrigadas a aumentar os seus armamentos com intuíto exclusivamente defensivos, para não serem absorvidas de braços cruzados.

Mas quem ha hoje que não esteja convencido que a mais pavorosa guerra está eminente, que é a força que continua e continuará a ditar a lei?

Ai dos fracos, disse há tempos Hitler!

Sim, são estes que nos últimos tempos têm sido os mais sacrificados, em pleno reino da Sociedade das Nações.

Mas j ai dos fortes no dia em

Lançando um golpe de vista para o passado nós temos motivos de sobra para nos orgulharmos da obra governativa dos últimos dez anos, tanto mais se considerarmos que esta obra foi levada a cabo num período de crise e enfraquecimento geral, sentido e vivido por nações das mais poderosas do Mundo.

Creámos uma tradição de equilíbrio orçamental e arrecadamos ano a ano importantes saldos de gerência; liquidámos a dívida flutuante e reduzimos os encargos da dívida pública consolidada; alargámos e facilitámos o crédito aos particulares e barateámos a taxa de juro do dinheiro; iniciámos grandes obras de fomento—construção e reparação de estradas e pontes, de caminho de ferro, de portos de comércio e de pesca, arborização de serras e dunas, trabalhos importantes de hidráulica agrícola, etc., etc. Não há por assim dizer um sector da vida nacional que não tenha sentido a influência benéfica da governação pública desde que esta é superiormente dirigida por Salazar.

E, todavia, apesar de tudo, quanto se fez e se está fazendo, permanece ainda muito baixo o nível das nossas condições de vida e aqui e além certos ramos da actividade nacional deparam com obstáculos quasi invencíveis. Este exame traz a alguns desconfiança e desanimo, porque se trata de indivíduos de visão limitada. A verdade, porém, é que a nossa situação económica não piorou antes regista muitos sintomas de melhoria. Mas o que se deve interrogar é qual seria a nossa situação de hoje sem as providências tomadas pelo Governo, sem a sua admirável gestão financeira e administrativa. E', no entanto, fácil calcular a situação caótica de Portugal se este fôsse ainda dominado pela influência dos partidos.

Se a Nação não tirou da sua modelar administração dos últimos dez anos e dos seus esforços tudo quanto era legítimo esperar-se isso se deve às condições particularíssimas em que vive o Mundo e de que temos de sofrer as inevitáveis repercussões. As nações olham-se desconfiadas, correm aos armamentos em velocidade máxima, fecham as suas fronteiras aos produtos estranhos e impedem até a entrada de homens que buscam trabalho.

A guerra paira como uma ameaça sobre o Mundo. Não é nossa a culpa que assim seja. E entretanto sentimos-lhe os efeitos. Pela nossa parte tudo fazemos para a conservação da paz.

Infelizmente não se vê que este horizonte sombrio de desconfiança se dissipe tão depressa e isso força o Mundo a condições económicas precárias.

Portugal vê aumentar a sua população e tem que contar com os seus recursos próprios para lhe dar ocupação e garantias de vida. Isto quer dizer que a geração actual tem de lutar arduamente.

Nós já vimos que os métodos económicos que começamos a ensaiar deram já resultados satisfatórios. E' a economia dirigida, a organização corporativa que devemos o benefício dos principais ramos da exportação nacional não terem ido à catástrofe com a ruína de muitos capitais e a miséria negra a assolar muitos lares.

Pois bem: o caminho está traçado. Façamos todos da nossa parte o possível por auxiliar o Governo sugereitendo-nos à disciplina corporativa e arredando pensamentos egoístas nocivos aos interesses da colectividade.

E' o que há a fazer.

J. F.

que se lançarem uns contra os outros, e que não está distantes!

A guerra é uma lei da criação e não pode o homem fugir-lhe.

Se há nações que só ambicionam a paz, Portugal é uma delas.

Conseguiu-a internamente adoptando sábias medidas, mas quanto à sua sorte no xadrez internacional procura as melhores companhias, tendo, porém, que fazer o enorme sacrifício, em pleno período de desenvolvimento

económico, de consagrar verbas importantes para armamentos, porque ninguém pode hoje contar só com os amigos.

Portugal que deseja ardentemente a paz têm que estar preparado para a guerra que o cerca por todos os lados.

A esperança que as pequenas nações chegaram a ter na Sociedade de Genebra desapareceu perante a brutalidade dos factos.

Campos Palermo

ÉCOS E NOTÍCIAS

António Sardinha

Mais um ano passou sobre a morte de António Sardinha, o restaurador do nacionalismo português.

Foi ele quem, reintegrando o nacionalismo nas suas tradições, cristã, corporativa e familiar, creou a fase doutrinária necessária à eclosão da Revolução Nacional.

Morreu com trinta e três anos de idade e a sua obra, ainda não totalmente publicada, conta já mais de vinte volumes. Espirito dominado pela ressurreição do verdadeiro nacionalismo, nós não sabemos destrinçar as suas obras, se não pela factura em prosa ou verso. Em toda ela o mesmo anseio espiritual domina e a alma, Deus, Pátria, Família.

António Sardinha não foi um contemplativo, bem pelo contrário, ele foi um lutador sempre pronto a terçar armas pelas suas ideias. Ainda sobre este aspecto, ele foi também um renovador.

« Viriatos »

Mais dois portugueses que caíram na luta em defesa da civilização ocidental e da sua Pátria, na luta que assola a vizinha Espanha. O Capitão Durão e o Tenente Ferreira da Silva vieram aumentar a lista dos « viriatos » a quem a « Cruz dos caídos » marca o seu lugar na terra.

O nosso governo condecorou-os póstumamente com a medalha do Valor Militar demonstrando assim que reconhece bem o sacrificio desses portugueses que em terras da Catalunha caíram à frente dos seus soldados lutando contra os inimigos de Portugal.

Paz às suas almas!

O anti-fascismo nos Estados Unidos

Toda a gente conhece o aranzel levantado nos Estados Unidos contra o 3.º Reich por causa da campanha anti-semita. Em nome da « Consciência universal », de que é o autorizado porta-voz, o sr. Roosevelt fez côro com a indignação das forças hebraicas, que tanto poder conquistaram no seu país. E, actualmente, as relações diplomáticas entre as duas nações são mais do que tensas.

Não se julgue, porém, que toda a população dos Estados Unidos é unânime nessa cruzada anti-fascista e filo-semita. Muita gente pensa de maneira diferente. Mas os jornais, as agências de informação e a rádio, que estão a bem dizer nas mãos dos grandes potentados financeiros—e, portanto, judeus—têm o cuidado de não dar publicidade a esse sector da opinião. Assim, foi cuidadosamente « abafado » o discurso pronunciado pelo general Mosley no banquete anual da Camara do Comércio de Nova York. Constituiu esse discurso um ataque cerrado à política de Roosevelt.

Além de afirmar que as concepções ideológicas não devem impedir a conclusão de acordos com os países totalitários, o general observou que o terror vermelho na U. R. S. S. não mereceu o menor protesto; antes, pelo contrário, de Nova-York partiram avultadas quantias para auxílio de Moscov. . .

Espanha

Após mais de dois anos de guerra em Espanha, tempo esse durante o qual os nacionalistas demonstraram ter mais força e mais direito; mais força para conquistar a maior parte do território e mais direito, segundo o reconhecimento da maioria das nações que com o general Franco tem relações políticas e diplomáticas, pretendeu-se estabelecer a beligerância para os que em nome do povo espanhol se revoltaram contra o marxismo. Não se conseguiu esse acto e logo recommençaram as operações militares para levar a cabo a conquista integral da nação vizinha.

Portugal não pode alhear-se nem se alheia da luta que devasta o país vizinho porque a nossa integridade como povo livre e adversário das doutrinas anarquistas não nos permite dormir perante a fogueira que, em dado momento, o marxismo tentou atear também no nosso país. E' por isso que, ao vermos novamente a guerra acesa, ao verificarmos que mais uma vez os nacionalistas, para se livrarem do inimigo, tem de iniciar novas ofensivas perguntamos: — De quem é a culpa de novas mortes? De quem é a culpa de mais vítimas? Porque não se acabou a guerra já, dando a vitória a quem desde a primeira hora provou defender a Espanha contra a invasão estrangeira que não quer a integridade de Espanha, porque é pela anarquização dos povos? Nós próprios responderemos. A culpa é das nações que só têm interesse na guerra de Espanha pelo aspecto comercial. Se aqueles que poderiam intervir para que a guerra terminasse não tivessem interesses comerciais em Espanha, a guerra estava terminada há muito. Mas a essas nações que importa a morte de milhares de homens? O que lhes interessa são os negócios que realizam precisamente porque há guerra.

Tudo indica que estamos chegados ao final duma luta que tem sido atroz. E não é de estranhar que o povo espanhol que sofre, precisamente pela ambição de algumas nações, jamais esqueça o mal que essas nações lhe causaram. Deste modo se cria na Europa um espirito de mal estar e até de vingança que poderia ter sido evitado se todos tivessem na guerra de Espanha dado o exemplo que deu Portugal:—Defesa, simplesmente, do seu interesse nacional.

E esse não há ninguém que no-lo possa negar ou contestar.

I. M.

Informações

Está concluído o estudo do projecto de lei que proíbe a assistência de menores de sete anos a espectáculos de cinema ou de teatros e de menores de dezasseis anos aos que não sejam expressamente organizados para crianças.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

A EGREJA EM ESPANHA

Os «vermelhos» tem ultimamente tentado lançar poeira nos olhos dos incautos, a propósito da situação da Igreja Católica em Espanha, dizendo que já passou a época das perseguições. Acrescentam logo, no entanto e a desculpar os camaradas assassinos, que essas perseguições foram motivadas pela atitude do clero espanhol a favor da revolução de Franco.

Toda a gente sabe que isto é mentira. Sabem-no os espanhóis e sabem-no os estrangeiros. Contudo e por uma aberração do raciocínio que chega a causar calafrios, por vermos a que ponto certas inteligências podem estraviar-se levadas pelas paixões terrenas, algumas conhecidas individualidades francesas, que fazem do seu catolicismo uma espécie de tabuleta, não tem dúvida em afirmar que ha liberdade de cultos na Espanha marxista!

A desmascarar toda esta «ausência de verdade», ai temos a mos a nota publicada no «Observatore Romano» pondo as coisas nos verdadeiros termos e que a seguir transcrevemos do órgão católico «Novidades»:

«1) A Igreja não teve qualquer participação, nem aviso ou consulta prévia, nem dela soube senão pelos rumores vagamente espalhados, da revolução de 18 de Julho de 1936.

2) Não foi em poucas cidades, retirado o exercito sem ter sido disparado o único tiro, uma turba frenética começou a incendiar os templos, perseguindo contra a Igreja um plano de perseguição radical e preestabelecido nos seus pormenores mínimos.

3) As autoridades nada fizeram para o impedir, como lhes teria sido fácil, tratando-se de um tão elementar dever. Por parte dos governamentais da zona vermelha nunca foi levantada uma palavra de reprovação ou condenação de tantos excessos, não obstante em diversos periódicos de Barcelona, já este ano, terem sido publicados artigos de exaltação dos crimes cometidos.

4) Sempre que se afirma no estrangeiro, até por entidades de cunho oficial, que o assassinio de sacerdotes espanhóis foi a resposta que os proletários lhes davam à sua conduta anterior, pratica-se uma vil calúnia. Sentindo-se atingido por ela, sem provas e até com manifesta falsidade por parte daqueles que deviam defendê-lo, o Clero espanhol tem experimentado uma das suas maiores amarguras.

5) O general Franco, no comando do exercito e das milícias, tem defendido os direitos de Deus a receber o devido culto público na Espanha, ao mesmo tempo que tem prosseguido na consecução de outros altos ideais nobilíssimos, como são os do bem público e da grandeza da Pátria.

6) Entre a Igreja e o Governo do general Franco, a parte a gratidão que uma vítima inocente sente pelo seu generoso defensor, não existe outra relação mais do que a reclamada pela doutrina católica e pela tradição da Espanha.

O Episcopado, prestando o seu apoio ao exercito libertador, não sai do estrito cumprimento da sua missão sagrada, implorando bênçãos sobre os defensores da causa de Deus e da Pátria, e pedindo o perdão e a conversão dos perseguidores, sem se afastar do que sabe que é o seu dever.

7) No momento actual o problema que está pôsto em Espanha a respeito da Igreja e do culto católico é quanto à sua própria existência, o poder ou não existir; não se trata já da liberdade mais ou menos restrita, nem da concessão de direitos; a questão é de vida ou de morte daqueles que devem exercê-los.

8) Em tais condições a guerra que a Espanha nacional sustenta é verdadeiramente uma Cruzada, não no sentido jurídico, visto que não foi ordenada e tornada pública pela autoridade eclesiástica, mas no significado mais amplo da palavra, no seu significado real, enquanto defende aquilo que é essencial para a Religião. Não se trata de conquistar os Lugares Santos, santificados pela passagem de Nosso Senhor, mas sim o Templo e o Sacrário, nos quais vive realmente e substancialmente o mesmo Jesus Cristo; mas sim a nossa liberdade de cumprir o primeiro dos deveres humanos, o de render a Deus o culto da nossa adoração e do nosso amor.

Necrologia

No dia 6 do corrente, faleceu nesta cidade, com a idade de 92 anos, a sr.^a D. Maria Ermelinda de Moraes Carvalho, natural de Vimioso.

A seu filho o sr. José Maria de Oliveira, Chefe da Secção de Finanças, deste concelho, o «Povo Algarvio» envia sentidas condolências.

Impressões duma visita a Marrocos

III

As primeiras impressões

II

Feita a visita a Tetuan, que se realiza num dia, deve-se seguir para Tanger a 60 km. aproveitando-se as carreiras de *auto-cars*. Esta cidade que apresenta hoje um aspecto cosmopolita, foi o teatro do infeliz desastre ocorrido em 1437, onde os portugueses se viram sitiados e tiveram de sacrificar o Infante D. Fernando, que foi enviado para Fez onde morreu martirizado. Depois de várias tentativas conseguiu-se em 1471 a conquista desta cidade, cuja posse o Infante D. Henrique tanto ambicionava. A cidade de Tanger deve ter a população de 50.000 habitantes, compreendendo 8.000 judeus e 35.000 indigenas, que não dão à cidade uma nota caracteristicamente árabe como de resto sucede na maioria das cidades modernas, de Marrocos onde se vê a cidade europeia ao lado das antigas medinas ocupadas pelos cinco milhões de mouros que estão dispersos em todo o antigo império do Maghreb. A cidade de Tanger situada no lado ocidental da costa Norte de Marrocos, em frente da costa espanhola, da qual dista apenas 20 km. ocupa a parte oeste de uma extensa baía abrigada pelos terrenos elevados do cabo Espartel. Neste pôrto marroquino pode abrigar-se uma esquadra de guerra. A cidade edificada em anfiteatro sobre uma encosta calcárea com o seu Kasbah no vértice da cidade indígena, conserva um aspecto oriental, com as ruas tortuosas estreitas e mal calçadas com as suas mesquitas e paredes cobertas de faianças, os mercados—*Zoucos*—de aspectos característicos, com a vida dum grande centro comercial marroquino.

Os europeus transformaram a parte alta da cidade a pouco e pouco, construindo uma nova cidade, onde se encontram praças como a de França e palacios sumptuosos, como já se viram em Tetuan. Em 1905 o *kaiser* Guilherme II desembarcou em Tanger, como um acto de hostilidade manifestado contra o acordo comercial da França, Espanha e Inglaterra que intervinham na politica interna de Marrocos. Os alemães desejavam a liberdade de comércio para eles.

Em 1800 realizou-se a conferência de Algeciras, na qual as potencias chegaram a um acordo acerca da intervenção da França em Marrocos e criando-se o protectorado Francês na zona que vamos encontrar para o sul onde se fica maravilhado com a obra ali realizada pelo Marechal Lyautey.

Vale a pena visitar em Tanger o colégio Litorio, fundado há poucos anos pelos italianos no artigo palacio do sultão Muley Hafid, onde recebem instrução secundária 150 alunos internos dos 2 sexos o qual está dotado com material moderno de ensino. Dão ali instrução gratuita a 400 alunos externos. Possui este colégio 25 professores italianos. Este estabelecimento de ensino foi fundado pelo governo de Mussolini, tendo em vista evitar a desnacionalização dos italianos e não lhes suceder o mesmo que aos portugueses, que por falta de escolas nos consulados frequentam as escolas francesas, onde aprendem a nossa história.



Grupo de mulheres árabes à porta da MEDINA de Tetuan.

O centro de diversões mais conhecido em Tanger é Vila Haris onde existe um clube, uma piscina de natação, um *dancing*, restaurante, jogo etc. Nas 4 fábricas de conservas que existiam em Tanger, quasi todo o pessoal ali empregado era português, contando-se uns 400 algarvios que ali ensinaram a industria da pesca. A mão de obra dos portugueses é sempre ali preferida porque são muito competentes e disciplinados.

Continuando na nossa excursão seguimos para Arzila, cidade muito pitoresca, a 48 km. a sul de Tanger onde encontramos numerosos vestigios dos portugueses. Como monumento histórico encontramos a mesquita onde D. Afonso V, em 1471, armou cavaleiro o seu filho o principe D João II, sobre o corpo ainda quente do conde de Marialva e pediu a Deus que fizesse ao seu filho tão bom cavaleiro como o que ali se encontrava e fôra derrubado do seu cavalo e barbaramente assassinado pelos mouros. Depois de mais um percurso de 40 km. para o sul, sempre por estrada excelente chega-se a Larache, pôrto do Atlântico, na margem do rio Lukkos, num lugar onde diz a lenda que existe o jardim das Hesperides, com as suas maçãs de ouro, que não são mais do que laranjas vulgares. Larache nunca foi ocupada pelos portugueses os quais apenas tentaram desembarcar ali em 1479. Os espanhóis conseguiram penetrar nesta cidade em 1912. Vale a pena visitar as muralhas, as fortalezas espanholas da idade média as ruínas de Lixus e o novo mercado. A cidade apresenta um movimento comercial importante, é ponto de passagem de numerosas camionetes que fazem as carreiras de Tanger para Rabat e Casablanca. Seguindo pela esplêndida estrada para sudeste atravessa-se Alcacer Kibir (Ksar El Kbir) cidade de caracter profundamente marroquino e interessante aos domingos, pela afluencia considerável de arabes que convergem ao mercado. Compreende-se bem o interesse que esta cidade representa para os que desejem estudar o teatro de operações da desastrosa batalha que ali se feriu em 1578, na vasta planície onde difficilmente tentamos reconstituir a posição dos dois exercitos, entre os rios Lukkos e o Oued-Rur. Vê-se contudo como este campo de Batalha foi favorável à acção da cavalaria que honrou as qualidades militares de Abd-Almelique no cerco que fez a infantaria do rei D Sebastião. Só vale a pena demorar algum tempo em Alcacer Kibir, quando se deseje estudar o campo de batalha onde despertou num mar de sangue o nosso sonho marroquino.

Seguimos depois para sudeste e depois de um percurso de 40 km. chegamos à fronteira francesa, onde em Arbaoua-Quedaba se encontra a alfandega e um posto de policia, que visa os passaportes.

Termina aqui a primeira parte das nossas impressões de viagem a Marrocos, onde não há muito tempo a perder quando tencionamos seguir em visita à importante zona do protectorado francês e temos ocasião de estudar os grandes centros de turismo marroquino, fazendo o confronto entre as duas civilizações em presença. É que admirável obra onde há tanto que aprender e de se reconhecer a inconsciencia de algumas pessoas que procurando depreciar a civilização marroquina dizem inconscientemente: «parece que estamos em Marrocos».

ESPECTACULO NO Teatro Popular

Promovido pela Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, de Tavira, realiza-se no dia 19 do corrente mês, no Teatro Popular, um interessante espectáculo, que consta do seguinte:

Primeira Parte—Pelo Orfeon, sob a regência de H. Rocha: Côro dos Caçadores, de C. Weber; Miserère (número sacro) H. Rocha; Verde Gaio (canção popular) A. Leça; Sonho de Amor (fado-canção com coral e orquestra, H. Rocha; Rapsódia, coletânea de canções populares, Silvério.

Segunda Parte—No écran: o magnífico filme musical *Avenida 52*, em 9 partes; *Ricardito entre chamas e bandidos* e *Revisita-Fox*.

Terceira Parte—Representação do arranjo da Revista *Estás a Vêr*, em 1 prólogo, 1 acto e 4 quadros.

Original de Manuel Virgínio Pires. Música do maestro Herculano Rocha.

Distribuição: Zé Algarve (compêre) José Julio Parra; Maria de Portugal, Prólogo e Tango por Mle. Irene Silva; Futura Sogra por Mle. Maria Adelaide; Rosa Maria, Mle. Ester Gusmão; Maria, sopeira, Mle. Maria Nunes; João Caetano e Alocução Patriótica, Liberto Conceição; Zé Pinote, Arménio Figueiredo; Rapaz namorador, António Lança; Um magala, Custódio Ramos; Borbolitos, João Barradas; Fado, Augusto Mira; Chico, Augusto Chanoca; Balé, Alberto Gonçalves; Zuca, Rui Martins; Futuro genro, Manuel Barqueira; Poeta sonhador, Sebastião Leiria.

Corpo Coral, constituído pelas gentis mademoiselles: Cacilda Baptista, Maria Olga Soares, Elisa Marques, Maria dos Anjos, Leopoldina Frangolho, Adelaide Lopes, Luiza Ventura, Maria Nunes, Maria Elete, Maria Ventura, Cecilia Bento, Caetana Frangolho, Maria Domingos e Antonieta Frangolho; e pelos srs.: Ernesto Vaz Figueiredo, Bracionilio Figueiredo, José J. Correia, Rui Martins, Teodózio Azinheira, Eurico F. Horta, Arménio P. Figueiredo José A. Gonçalves, Custódio Ramos e Fernando Ventura.

Titulos dos quadros: 1.º, Noite de S. João—2.º, Na Tradição—3.º, No Tango—4.º Visão Histórica (apoteóse).

Grande Orquestra, sob a hábil regencia do maestro Herculano Rocha.

Encenação de N. N.; Ponto, José Viegas; Contra-regra João H. Vasconcelos e Aderecista, José Horta.

Em FARO

Conforme noticiamos deslocar-se à a Faro, no dia 20 do corrente, a fim de dar um espectáculo no Cine-Teatro, daquela cidade o grupo cénico da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, que apresentará, além do programa a exhibir nesta cidade, no próximo dia 19, mais o concertó pela Banda Municipal, que constará dos números seguintes: Viagem do Gama e Capricho Italiano.

Apresentará o Orfeão em Faro, o sr. dr. José de Sousa Uva, servindo respectivamente de madrinha e damas de honor as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria Carlota Pires Correia, D. Maria Antonieta Seruca e D. Julia Catarino.

mos seguir em visita à importante zona do protectorado francês e temos ocasião de estudar os grandes centros de turismo marroquino, fazendo o confronto entre as duas civilizações em presença. É que admirável obra onde há tanto que aprender e de se reconhecer a inconsciencia de algumas pessoas que procurando depreciar a civilização marroquina dizem inconscientemente: «parece que estamos em Marrocos».

Diremos qual foi o papel dos algarvios em Marrocos, depois de transmitirmos aos leitores do «Povo Algarvio» mais algumas impressões das grandes cidades marroquinas da zona francesa.

Ecoss da Conferência de Lima

Descreveram os jornais como os Estados Unidos pretenderam arrastar, na conferencia de Lima, os países sul-americanos para uma cruzada anti-fascista, mais ou menos declarada, a pretexto de que os Estados chamados totalitários e a ideologia anti-democrática ameaçam a «liberdade» das nações americanas e não sabemos que mais.

Contaram os jornais também como esse intento dos srs. Roosevelt e Cordell Hull se malogrou, graças não só à atitude da Argentina como decerto também ao simples raciocínio de que as pretensões dos Estados Unidos mascaravam apenas os seus próprios desejos de hegemonia.

O mais engraçado é que o Governo de Washington parece ter esquecido que toda a América Latina está, a bem dizer, em regime ditatorial e militar. Senão vejamos: no Brazil impera a ditadura de Getulio Vargas; no Peru a do general Benevides; em Cuba a do Coronel Baptista; no México a do general Cardenas; na Argentina maada o presidente Ortiz, graças aos bons officios do general Justo e do exercito; na Bolívia governa o general David Toro; e na Venezuela o general Lopes Contreras; etc!

Calendários

Do conceituado comerciante da nossa praça sr. Manuel Pedro Cabrita Junior recebemos a oferta de dois interessantes calendários de algebeira.

Os nossos agradecimentos.

Tabelas de Marés

A Junta Autonoma dos Portos do Sotavento do Algarve, como de costume, editou as «Tabelas de Marés» para 1939, elaboradas pelos seus serviços técnicos, numa elegante agenda. Em Tavira vende-se na Papelaria Santos, custando 200\$50.

Agradecemos os exemplares oferecidos.

Burla dos Seguros de Vida

Foi elevada de 20 contos para 400 contos a fiança dos drs. António Francisco de Sousa e Manuel Lourenço Coelho, pronunciados no crime de burla dos Seguros de Vida, em Faro.

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Vende-se

Uma máquina de lavar roupa em bom estado. Nesta redacção se diz.

AVISO

Eugénio Rodrigues Madeira, residente na fazenda do Colaço, em Vila Nova de Cacela, faz público: Que não se responsabilisa por qualquer dívida contraída por seus filhos, salvo se fôr por si autorizada em documento assinado.

Drogaria Tavirense

DE
SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
ÓLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA
Tubos para irrigador, sacos para gêlo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha
TAVIRA

Bernardino M. Mateus

GENEROS ALIMENTICIOS DE 1.^a QUALIDADE

PERFUMARIAS, LOUÇAS, VIDROS
E ARTIGOS DE NOVIDADE

R. Alexandre Herculano, 2 e 4 -:- R. da Liberdade, 1 e 5

TAVIRA

A COMPETIDORA

— DE —

José Augusto Neves

28, Praça da República, 29

TAVIRA

Tem sempre ótimos artigos de Lani-
fícios e Algodões aos melhores preços.

SERVIR BEM É O SEU CAMINHO!

Nesta época festiva recomenda-se a
V. Ex.^{as} uma visita ao estabelecimento.

Paulino & Graça, L.^{da}

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores
Artigos de Mercearia
Excelentes
Chás e Cafés
Puro
Azelte do Alentejo
Lindas
Louças
Finos
Vidros
Bons
Talheres
Duráveis
Esmaltes e Ferros de engomar
Gostosa
Confetaria
Saborosos
Licores e Vinhos do Porto
Chique
Papel de Cartas
Variados
Brinquedos
Escolhida
Perfumaria das marcas—NALY,
BENAMOR, SANTA CLARA, TAI-
PAS, etc...
Sabonetes—Loções—Rouges
Batom—Pós de Arroz
Pastas Dentífricas
Cremes Dentífricos, etc...
Apreciáveis
Descontos aos Revendedores
Módicos
Preços

Só no LONDRES SALÃO



e na alfaiataria de V. Lopes encontrarão o **Desportex**

É o tecido ideal para todos os fins.

Pela sua construção e pela sua enormidade de desenhos e colo-
ridos, como V. Ex.^a pode facilmente examinar pelas suas famosas
coleções, tem vantagens sobre qualquer outro tecido para a vi-
da de VIAGEM, CAMPO e DESPORTO.

A COMERCIAL de J. Carmo, Limitada

TAVIRA

Oferece a V. Ex.^a um brinde desde que consiga
reunir 10 talões até 31-12-1938

COMPRA DE 20\$00

GABARDINES grande sortido a Esc. 300\$00

ATENÇÃO

Recomendar esta casa, é prestar um grande
favor a todos os vossos amigos e pessoas
das vossas relações.

Assinai o "Povo Algarvio"

Estabelecimento de Fazendas de Manuel Pedro Cabrita Junior

(JUNTO AO MERCADO MUNICIPAL)

Grande sortido de panos crus e abretanhados,
riscados e cotins.

Stok de lindas sombrinhas de seda e algodão.

Admiráveis coleções de camisas, gravatas, peú-
gas e cintos para homem.

Grande novidade em fazendas para vestidos
e casacos de senhoras próprios para a estação de Inverno.

Vendas a prestações com bónus

A Casa que mais barato vende

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

Vende-se

Uma casa no alto de S.
Braz com armazem grande no
rez de chão, quintal, palhei-
ros, seis divisões no 1.^o andar
e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

Sebastião do Nascimento Gonçalves

(Antigo empregado da
Casa José Viegas Mansinho)

RELOJOEIRO

Junto ao Mercado Municipal
R. José Pires Padinha

TAVIRA

Concertos, reparações e
limpeza de: Relógios, Ou-
ro, Prata, Joias, Grafo-
nolas, etc., etc.

Pelos preços mais módicos

Quereis fazer bons negócios?

Anúnciá no semanário regionalista

"Povo Algarvio"

Recordar

é viver

Bento (alfaiate)

Ex-Oficial da casa João Car-
valho (Espanhol), ao Chiado,
«Ultimo Figurino», Lisboa

Confecções de fatos para se-
nhoras pelos ultimos figurinos

Tendo como gerente técnica
M.^{me} Guilhermina Bento

Rua Roque Féria, 20

ou no próprio

Joaquim do Carmo Bento

TAVIRA